

# Os 90 anos da criação dos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva

Israel Blajberg<sup>a</sup>

**Resumo:** O texto versa sobre a área da História Contemporânea, com enfoque na obra do Ten Cel Correia Lima, criador dos CPOR. Seu descortino para a época era incrível. A ideia de reunir estudantes das faculdades para construir uma reserva de alto nível para o Exército trouxe notável aporte para a Força Terrestre, como se confirmou por ocasião da 2ª Guerra Mundial, quando os Oficiais R/2 foram chamados a compor expressivamente os efetivos da gloriosa FEB - Força Expedicionária Brasileira. O trabalho aborda o histórico da evolução dos órgãos de formação da Reserva, desde o período anterior à 2ª Guerra Mundial, com especial detalhamento da atuação dos Oficiais R/2, líderes de fração de tropa nos combates da Itália, até os dias que correm. São apresentados ainda breves resumos biográficos dos Oficiais da Reserva, sejam os que tombaram no cumprimento do dever, seja os que se destacaram mercê de bravura excepcional demonstrada em combate e após a guerra preservando a memória da FEB. Ex-alunos e antigos instrutores proeminentes são apresentados, bem assim um retrospecto das atividades associativas e a atual estrutura da carreira temporária.

**Palavras-chave:** Oficiais da Reserva, CPOR, NPOR, sociedade.

*“Ao ser declarado Aspirante a Oficial da Reserva, assumo o compromisso de cumprir, na paz e na guerra, os deveres que me competem, para segurança e grandeza do Brasil, cuja honra, integridade e instituições defenderei com o sacrifício da própria vida.”*

Juramento do Aspirante a Oficial da Reserva do Exército Brasileiro

É com grande satisfação que venho apresentar um breve relato sobre rica vertente da nossa História Contemporânea, com enfoque nos conhecidos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva (CPORs),

---

<sup>a</sup> Engenheiro e professor. Associado do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



criados ao início do século passado: a notável obra do tenente-coronel Correia Lima.

Abordaremos, portanto, a missão de seus bravos discípulos, da universidade ao front, dos quais o expoente e seu maior herói foi o legendário tenente Apollo Miguel Resk, que os inspira até hoje no cumprimento do dever.

O presente trabalho busca fundamentos na jornada que Correia Lima iniciou, e que prosseguiu pelo esforço de milhares de outros dedicados brasileiros que ajudaram a construir os CPORs e Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva (NPORs) pelo Brasil afora.

Sem a pretensão de exaurir o assunto, se não mais o fosse, dada a grandiosidade e complexidade do tema, o trabalho apresenta os principais marcos dessa fantástica história, bem como breves perfis biográficos de alguns dos dedicados ex-alunos que vieram a se constituir em ícones dos Oficiais da Reserva.

Destarte, submetemos assim a nossa singela contribuição à documentação historiográfica da luta daqueles Soldados da Reserva que,

junto a seus pares da Ativa, reconhecidamente nos legaram seu pioneirismo, não devendo, por isso, serem esquecidos.

É preciso que a História faça justiça também a eles, que trabalharam desinteressadamente, mas com muito entusiasmo, dando ao país o vigor da sua juventude.

## **TENENTE-CORONEL CORREIA LIMA - FUNDADOR E PATRONO**

Corria o ano de 1891. Uma criança nascia em Porto Alegre aos 4 de novembro. Teria uma vida curta, mas esta data passaria à história do Exército e do Brasil como o Dia do Oficial R/2, consagrando o dia do nascimento daquele que viria a ser o idealizador do CPOR, o bravo Correia Lima, no dizer da nossa canção “exemplo de soldado e cidadão”.

O jovem, vocacionado para a carreira das armas sentou praça como voluntário em 1907 no 17º. Batalhão de Infantaria de Porto Alegre, daí prestando concurso para a Escola de Guerra em Porto Alegre,



no Casarão da Várzea, e, em seguida, no Realengo. Ainda tenente estudou os mecanismos de mobilização e recrutamento na Europa da 1ª Guerra Mundial, época em que foi extinta a Guarda Nacional, adotado o conceito das Polícias Militares como Reserva do Exército e instituído o Serviço Militar Obrigatório.

Nos idos da década de 1920 teve ele uma ideia avançada para o Brasil da época, que iria se provar acertada até hoje, revelando-se em toda a sua magnitude durante a 2ª Guerra Mundial, quando metade dos 800 tenentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi R/2, a mocidade do CPOR.

Lançou a ideia pioneira, convocar alunos das faculdades para cursar um centro de preparação, dos quais saíam como oficiais da reserva.



Tenente-coronel Correia Lima,  
fundador e patrono dos  
CPOR/NPOR

Os esforços do então Capitão de Artilharia Correia Lima frutificaram, e, aos 22 de abril de 1927, viu triunfar seu ideal quando, por despacho ministerial, foi criado o , do qual foi o primeiro comandante, no Rio de Janeiro. Quis o destino que o bravo Correia Lima não pudesse viver o bastante para aferir a dimensão da sua obra.

Como major servia em Curitiba, comandando o 1º Grupo do 9º Regimento de Artilharia Montada, quando irrompeu a revolução de 1930, sendo morto na sublevação, para que a unidade, aderindo ao movimento, arrastasse consigo a Guarnição de Curitiba. Era o dia 5 de setembro, quando faleceu com apenas 39 anos. Ele que tão jovem chegara a integrar a Missão Indígena, ainda poderia ter prestado relevantes serviços para o Exército e para o Brasil.

Promovido *post-mortem* ao posto de tenente-coronel por ato de



bravura, entrou para a História Militar como o Patrono por tradição do CPOR, e sua data de nascimento, 4 de novembro, passou a ser comemorada como o Dia do Oficial R/2, a ele prestando uma justa e merecida homenagem.<sup>1</sup>

## **PRIMÓRDIOS EM SÃO CRISTÓVÃO**

Aos 22 de abril de 1927 o CPOR/RJ iniciou a formação de oficiais da Reserva, provisoriamente instalado no Quartel do 1º Grupo de Artilharia Pesada (GAP), em São Cristóvão, na caserna destruída para que a FIFA instalasse no local bizarras tendas brancas e estacionamentos para a Copa do Mundo, até há alguns anos ocupada pelo Grupo Monte Bastione, 21º Grupo de Artilharia de Campanha, transferido para o Imbuhy.

Em 24 de janeiro de 1931 foi desmembrado do 1º GAP e transferido para o quartel próximo, também em São Cristóvão, na Avenida Pedro II nº 383, ao lado da QBV –

Quinta da Boa Vista, hoje o magnífico Museu Militar Conde de Linhares (MMCL).

Houve um breve lapso quando, a 8 de maio de 1935, o Comando e as Seções de Infantaria e Cavalaria foram transferidos para o Colégio Militar na Rua São Francisco Xavier, permanecendo no antigo bairro imperial o Contingente e a Seção de Artilharia. Os Instrutores-Chefes dos Cursos eram oficiais-alunos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Aos 19 de outubro de 1936 houve o retorno a São Cristóvão do Comando e das Seções de Infantaria e Cavalaria, unindo-se ao restante da tropa e reiniciando as atividades profissionais, agora como um todo.

É interessante recordar a sua primeira iniciativa, anterior à criação do CPOR: um Curso de Preparação de Sargentos Comandantes de Peça, cujos alunos eram estudantes da tradicional Escola Polytechnica.

A instrução era conduzida em uma pequena sala sobre o depósito de forragem do 1º GAP. Com a Revolução de 1924, quando a unidade



foi empregada no combate aos revoltosos, o curso foi interrompido, até que mais tarde o Ministro Nestor Sezefredo dos Passos expediu Mensagem criando de fato o CPOR. Cabe ressaltar que Correia Lima, desde logo, havia obtido a adesão dos professores e estudantes da Escola Polytechnica. Era como se o espírito da pioneira Real Academia Militar de Fortificação, Artilharia e Desenho, na antiga Casa do Trem da Artilharia, onde hoje se encontra o Museu Histórico Nacional, vivo estivesse nos corações dos estudantes do Largo de São Francisco.

Tratava-se da Escola precursora do ensino militar no Brasil, sucessora da Casa do Trem instalada no Largo por D João VI em 1810, a Academia Real Militar, da qual descendem hoje em linha direta a Escola Politécnica na Ilha do Fundão e a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Com efeito, uma placa comemorativa mandada fundir pelo Exército em 1960, ano do sesquicentenário, foi aposta no Largo de São Francisco, na Praia Vermelha, no Realengo e na AMAN.

Menos não se poderia esperar da tradição nacionalista e patriótica da Polytechnica, ao lado da Cruz de São Francisco, cujos estudantes 15 anos depois saíam às ruas para exigir de Getúlio que declarasse guerra à Alemanha, em vista da afrontosa agressão nazista aos nossos navios mercantes. E a confirmar estes desígnios, da Polytechnica partiram nove expedicionários para a FEB, fato até hoje ali lembrado em uma placa e estatueta do Estudante de Engenharia Expedicionário, ao lado da Bandeira Nacional na sede da Associação dos Antigos Alunos da Politécnica.

Correia Lima contou com o apoio de diversos civis, como os Professores da Polytechnica Dulcídio Pereira e Ignácio Azevedo do Amaral, que viria a ser reitor da Universidade do Brasil, além de oficiais como o general João de Deus Menna Barretto

Também na fundação e nos primeiros tempos do CPOR contou com apoios decididos, entre os quais os capitães Zeno Estillac Leal, Antônio José de Lima Câmara, tenentes Mario Travassos, Manoel



Lebrão e Rodolfo Augusto Jourdan, oficiais de destaque que iriam ocupar importantes comissões na carreira.

## MODELOS DE FORMAÇÃO

### a) 1927 - 1965

A princípio o curso era de 3 anos, época em que as declarações de aspirante eram prestigiadas pelos Presidentes da República, e realizadas no estádio de São Januário, o maior da época, onde o Presidente Vargas comemorava o Dia da Raça e tantas outras importantes solenidades.

- 1927 – 1941 → 3 anos
- 1942 – 1965 → 2 anos

Um engenhoso esquema prático foi adotado para incentivar os estudantes e conciliar a instrução com as aulas. Deu certo, possibilitando a acumulação com o serviço militar com um mínimo de interferência.

O curso era realizado nas férias escolares, de dezembro a fevereiro e em julho. No primeiro semestre a

instrução era apenas aos domingos, de 7 às 13 horas, e, no segundo, não havia instrução para que os estudantes pudessem preparar-se para os difíceis exames finais, mormente os da Polytechnica, cujos lentes eram conhecidos pelo rigor nos exames orais.

Já na década de 1940 foram formados os primeiros NPORs. Em 1946 foi realizado no CPOR/RJ o Curso de Oficiais da Reserva (COR), para que os Oficiais R/2 que integraram a FEB pudessem permanecer na ativa. Participaram 181 oficiais e 42 aspirantes-a-oficial.

De 1953 a 1964 o CPOR manteve o Curso de Saúde em apenas um ano, formando 3º sargentos de Saúde, o que não deu certo, pois os alunos eram via de regra acadêmicos de medicina, sendo extinto com o advento do Serviço Militar para médicos, farmacêuticos, dentistas e veterinários.

### b) 1966 – 1998

Em 1965 um grupo de trabalho empreendeu a modernização do sistema de formação, que a partir de



1966 passou a ser realizado em apenas um ano. Com o tempo, o 1º Uniforme foi substituído pelo 3º nas Declarações de Aspirante, agora realizadas nos próprios quartéis.

Em meados de 1966, o Estado-Maior do Exército criou os Cursos de Comunicações e Material Bélico e autorizou a mudança do aquartelamento para a Avenida D. Pedro I nº 138, dada a transferência dos Dragões da Independência para Brasília, ocorrendo a ocupação em 5 de outubro de 1968.

Em 1966, com a adaptação ao novo modelo foram formadas duas turmas, em março saindo a última do curso de dois anos, e em dezembro saindo a primeira do curso de um ano. Com a modernização do ensino, que passou ao regime de um ano, e os novos Cursos de Material Bélico e Comunicações, os efetivos tornaram-se menores, 250 alunos em média.

O Brasil já não era mais aquele país rural que corajosamente havia enviado tropas expedicionárias para combater na Europa conflagrada. O quartel da Quinta da Boa Vista se

tornara pequeno para as modernas necessidades de formação de oficiais da reserva. A Casa de Correia Lima passou a sediar então a 5ª Brigada de Cavalaria Blindada. Mas a mudança para o igualmente histórico aquartelamento dos Dragões da Independência mais adiante, na mesma Avenida D. Pedro I, também não iria ser definitiva.

Os remanejamentos de unidades para atender a novas hipóteses de emprego da Força Terrestre determinaram a transferência de diversas unidades sediadas na Guarnição do Rio de Janeiro para outros destinos. Assim, o 1º Regimento de Carros de Combate deixou o aquartelamento da Avenida Brasil, em Bonsucesso. Ao final de 1997 para lá realocou-se O CPOR/RJ, encontrando-se até hoje onde, um dia, pontificou a mais poderosa unidade blindada da América Latina, orgulho da Arma Ligeira, dotada na época de carros de combate M-4 Sherman e, posteriormente, M-41.

Liberado o quartel dos Dragões, para este se deslocou o 1º Batalhão de Guardas, o Batalhão do Imperador, cujo quartel em frente



foi cedido para a Guarda Municipal do Rio de Janeiro.

## **OS 90 ANOS DO CPOR/RJ (1927–2017)**

Tudo começou naquele distante 22 de abril de 1927. Em 2007, a festa dos 80 anos do CPOR/RJ comemorou também os 15 anos da Associação dos Ex-Alunos do CPOR/RJ e o décimo aniversário do Conselho Nacional dos Oficiais da Reserva (CNOR), assim como, em 2017, somados mais dez anos às respectivas efemérides.

Ativo até meados da década de 1960, o histórico quartel da QBV é hoje um ícone da comunidade R/2. Prédio neoclássico construído em 1920 no Governo Epiácio Pessoa pelo então General Rondon, Diretor de Engenharia do Exército, onde tantos cursaram, e de onde bravos Oficiais R/2, em um dia já distante do ano de 1944, partiram rumo ao desconhecido para, sob a bandeira brasileira, defender a democracia e a liberdade mundial nas montanhas

geladas da Itália. No histórico quartel que hoje abriga o MMCL, ao longo de 36 anos, de 1931 a 1966, o Exército Brasileiro formou a sua Reserva atenta e forte.

CPOR/RJ, 36 turmas da tradicional Casa de Correia Lima, verdadeira corporificação em cimento e tijolos do sonho do então capitão, o idealizador do CPOR, atualmente recebendo justo e merecido destaque, reavivando aquela época emblemática de espíritos heroicos, paradigma para as novas gerações, e em cujo pátio podemos ler os nomes do Patrono tenente-coronel Correia Lima e do herói major Apollo.

36 gerações de ex-alunos oriundos desta Casa mantêm viva a verdadeira odisseia que foram os primeiros anos do CPOR/RJ, cultuados no mesmo local onde tantos, muitos como voluntários, prestaram o seu serviço a Pátria com a dedicação que caracteriza os verdadeiros patriotas.

Cerca de 10 milhares de Oficiais R/2 passaram pelos portões deste vetusto casarão bem ao lado Quinta da Boa Vista, passando a integrar a “Reserva Atenta e Forte”,





honrando o bravo Correa Lima, “exemplo de soldado e cidadão”, como bem exalta a Canção do CPOR.

Pelo corredor estreito e acolhedor por onde se adentra o atual museu, passaram tantos brasileiros dos mais ilustres, de Presidentes a profissionais liberais, professores a industriais, artistas a políticos, enfim toda a variada gama que compõe o espectro social brasileiro esteve representada naqueles jovens alunos, que com o coração pleno de esperança, um dia tiveram o privilégio de ser um aluno do CPOR, vestindo a honrosa farda verde-oliva.

O CPOR/RJ, vem ao longo destes 90 anos cumprindo com dedicação e alto espírito de patriotismo a árdua missão de formar os Oficiais da Reserva do Exército. Desde então a comunidade R/2 tem escrito páginas gloriosas da história

do nosso Exército, presente em todas as guarnições, seja integrando a gloriosa FEB e na defesa do litoral, seja formando em tropas de paz, na selva, na montanha, na caatinga, onde quer que haja uma unidade do EB, certamente por lá estarão os tenentes R/2 neste imenso Brasil, realizando na prática o projeto do bravo tenente-coronel Correa Lima.

Os 80 Anos do CPOR/RJ foram comemorados condignamente em 22 de abril de 2007 com desfile na Quinta da Boa Vista bem pró-

xima, onde por décadas os alunos tiveram instrução, dadas as pequenas dimensões do tradicional aquartelamento da Avenida Pedro I, onde hoje se encontra instalado o magnífico MMCL

A cerimônia foi presidida pelo então chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa, general-de-exército Ivan de Mendonça Bastos, com





o desfile de 200 integrantes da Associação de Ex-alunos do Rio, uma representação dos antigos alunos do NPOR de Petrópolis seguindo-se os 200 alunos do CPOR/RJ e 300 aspirantes do EAS/EST de 2007. Após o desfile realizou-se uma confraternização no MMCL, e o lançamento pelos Correios do selo comemorativo dos 80 Anos.

## **CPORs E NPORs PELO BRASIL**

O Sistema CPOR/NPOR é amplo, estendendo-se por todo Brasil. Alguns foram desativados, como os CPORs de Belém, Fortaleza, Salvador e Curitiba, e os NPORs de Petrópolis e São Gonçalo. Estima-se que no CPOR/RJ foram formados até hoje 23 mil aspirantes, número este que em todo o Brasil possivelmente atinge a casa de 100 mil.

Atualmente encontram-se em funcionamento cinco CPORs – Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte - que se

somam a 49 NPORs assim distribuídos:

<b>CPOR/NPOR Arma</b>	<b>Quantidade</b>
Infantaria	25
Cavalaria	5
Artilharia	6
Engenharia	2
Intendência	5
Comunicações	3
Material Bélico	3
<b>Total</b>	<b>49</b>

### a) São Paulo

Com o sucesso do CPOR/RJ, o Ministro da Guerra autorizou a 2ª Região Militar a criar um centro similar, que, a princípio, funcionou no 4º Esquadrão do 2º Regimento de Cavalaria Divisionário de Quitaúna. A primeira declaração de aspirantes ocorreu em 14 de julho de 1930.

Em março de 1948 o CPOR/SP foi instalado no Solar dos Andradas, antigo sítio da Fazenda e Capela de Santana, dos Jesuítas, por ocasião da desativação do 4º Batalhão de Caçadores (BC). Trinta e



nove tenentes Febianos eram oriundos do CPOR/SP, entre os quais o Tenente Amaro Felicíssimo da Silveira, que morreu heroicamente em combate.

#### b) Petrópolis

De 1964 a 1998, o famoso NPOR de Petrópolis formou quase mil Aspirantes R/2, no aquartelamento cercado pelo verde da Mata Atlântica, a Caserna General Eurico Gaspar Dutra. Da primeira turma do NPOR lá formada, 4 décadas transcorreram desde o tradicional 1º Batalhão de Caçadores, hoje uma unidade de montanha, o 32º Batalhão de Infantaria de Montanha, Batalhão Pedro II, enquadrado pela 4ª Brigada de Infantaria de Juiz de Fora.

Unidade histórica, combateu em Canudos (1897), no 5 de julho de 1922 (18 do Forte), e em Santana dos Tocos-SP (Revolução Constitucionalista de 1932), digna sucessora do 1º BC, 26º Batalhão de Infantaria e 55º BC, sediada no Bingen, em prédio construído em 1942 para o então 1º BC.

Fica a esperança de que já passados 20 anos de sua desativação, um dia o NPOR venha a ser reativado, para o que suas instalações ainda permanecem intactas, mobilizadas e prontas no 3º andar do prédio do batalhão, exatamente como estavam em 1998, aguardando decisão superior. Segundo o planejamento da Força Terrestre, o 32º não sairá do Bingen, ainda que as brigadas de Petrópolis e de Niterói tenham se deslocado para a Amazônia.

Na cidade funciona a Associação dos ex-alunos do NPOR, congregando seus ex-integrantes. Petrópolis é um importante centro universitário, onde se destaca a Universidade Católica de Petrópolis, cujo próprio cargo de Reitor foi ocupado anos atrás por ex-aluno do CPOR/RJ. Sendo o espírito de Correia Lima aproximar o Exército da universidade, nada mais justo que a cidade tenha de volta o seu tradicional NPOR.



## OFICIAIS R/2 NA 2ª GUERRA MUNDIAL

O descortino do capitão Correia Lima na sua época foi providencial. A ideia de reunir estudantes das faculdades para construir uma reserva de alto nível para o Exército trouxe importante aporte para a Força Terrestre, como se confirmou por ocasião da 2ª Guerra Mundial, quando os Oficiais R/2 foram chamados a compor expressivamente os efetivos da gloriosa FEB - Força Expedicionária Brasileira, como líderes de fração de tropa nos combates na Itália.

Do CPOR/RJ somaram-se os oriundos de outros estados, sendo 452 Oficiais R/2 a integrar a FEB, 433 tenentes, 12 capitães, seis maiores e um tenente-coronel.

Nos campos da Itália, entre tantos soldados brasileiros tombados no cumprimento do dever, 12 jovens tenentes honraram o juramento de defender a Pátria se necessário com o sacrifício da própria vida, dos quais meia dúzia eram oriundos dos quadros dos CPORs, os tenentes

- Amaro Felicíssimo da Silveira, morto em combate nas encostas do Belvedere aos 20 de novembro de 1944, no comando de uma patrulha do 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado. Uma avenida em Vila Maria, São Paulo, leva seu nome.

- Ari Rauen, morto em combate aos 14 de abril de 1945. Natural de Canoinhas-PR, comandava um pelotão de fuzileiros da 2ª Companhia no ataque do I Batalhão do 11º Regimento de Infantaria (RI) à Montese, a mais sangrenta batalha da campanha da FEB. Seu nome foi dado a ruas e escolas das cidades-irmãs de Mafra-SC e Rio Negro-PR.

- José Belfort de Arantes Filho, morto em combate aos 6 de fevereiro de 1945 em Gabba. Era do 11º Regimento de Infantaria, natural de Bicas-MG, nascido em 1923. Sob más condições climáticas perdeu a vida em um campo de minas anti-pessoal.

- José Jerônimo de Mesquita, natural de Niterói, onde cursou o NPOR. Comandante do 2º Pelotão da 7ª Companhia do 6º RI. Morto em combate aos 2 de novembro de



1944, as vésperas de completar 21 anos.

- Márcio Pinto, faleceu em consequência de explosão de mina terrestre por ocasião da instrução do Curso de Minas que frequentava, no dia 30 de outubro de 1944 em Cate-rate. Uma rua em Guarulhos leva seu nome.

- Rui Lopes Ribeiro, morto em combate, pertencia ao 11º RI. Seu nome foi dado a uma rua no Centro de Macaé-RJ.

Junto com quase meia-centena de soldados brasileiros, repousam no Monumento aos Mortos da 2ª Guerra Mundial, tendo seguido os passos do patrono, honrando o legado deixado por Correia Lima.

Dentre os oficiais R/2 tombados no cumprimento do dever, dois tiveram seu nome consagrado em denominações históricas de Unidades do Exército Brasileiro:

    ) Amaro Felicíssimo da Silveira - 1º Esquadrão de Cavalaria Leve, “Esquadrão Tenente Amaro”, com sede em Valença-RJ e

    ) Ary Rauen - 5º Regimento de Carros de Combate, “Regimento

Tenente Ary Rauen”, baseado em Rio Negro-PR.

Dos mais de 400 Oficiais R/2, muitos outros se destacaram mercê de bravura excepcional demonstrada em combate, como o legendário Major Apolo Miguel Rezk, herói maior dentre os ex-alunos do CPOR. Durante longos anos a pá-tina do tempo obscureceu a figura humana e discreta deste verdadeiro soldado. Em vida, o filho de imigrantes sírio-libaneses da turma de Infantaria de 1939 do CPOR/RJ foi quase esquecido. Em 1995, ao comparecer a cerimônia dos 50 anos do término da 2ª Guerra Mundial, que reuniu no CPOR/RJ cerca de 40 veteranos ex-alunos daquele Centro, o major Apolo foi apresentado ao então Presidente da Associação dos Ex-Alunos, o tenente R/2 Sergio Pinto Monteiro, como sendo um dos maiores expoentes da FEB, pela coragem e determinação demonstrada em combate.

Àquela altura, com 80 anos já quase não enxergava e mal podia locomover-se, ostentando ao peito todas as Medalhas da FEB, além de 2



americanas, a Silver Star e a única *Distinguished Service Cross* (DSC) concedida a um brasileiro. Após o encontro no CPOR o major Apollo ainda estaria apenas mais três anos neste mundo, período em que ocorreu a recuperação da memória dos feitos deste grande soldado, até seu falecimento em 1999.

A família tornou o tenente Monteiro depositário do seu acervo histórico e militar, o qual, em 2006, lançou, em parceria com o tenente Orlando Frizzanco e sob os auspícios do

CNOR, o livro *Resgate do Tenente Apollo*.<sup>2</sup> Hoje o acervo está sob a guarda do Museu do Oficial R/2, mantido pela Associação dos Ex-Alunos no quartel do CPOR/RJ da Avenida Brasil, onde se encontra exposto a visitação. O Museu foi inaugurado em 19 de novembro de 2006 pela filha do major Apollo, D. Nadia, quando da primeira ocasião

em que se comemorou o Dia do Oficial R/2.

Integrando o Regimento Sampaio, o tenente Apollo participou nos combates de 12 de dezembro de 1944 em Monte Castelo e 24 de fevereiro de 1945 em La Serra, onde demonstrou grande bravura em ação, tendo sido ferido na em La

Serra na Cota 958, atos estes que determinaram a concessão da *Silver Star*, da DSC e da Medalha Sangue do Brasil, respectivamente. Foi alvo de extensos e diversos elo-

gios de Comandantes e do próprio general Mascarenhas de Moraes.

Retornando ao Brasil, Apollo foi matriculado no COR – Curso para Oficiais da Reserva, com duração de três anos, no quartel do CPOR/RJ, que não chegou a concluir, prosseguindo a carreira como convocado e posteriormente no Quadro Auxiliar de Oficiais até o



O tenente Apollo Miguel Rezk sendo condecorado na Itália.



posto de Capitão. Problemas de saúde determinaram a sua reforma em 1957, no como major. Aos 39 anos encerrava sua carreira militar, coincidentemente a mesma idade com que o patrono tenente-coronel Correia Lima faleceu no cumprimento do dever.

Através de irmãos de armas veio o reconhecimento ao herói que em vida foi quase esquecido pelas autoridades. Hoje o busto do major Apollo ocupa lugar de destaque no Pátio do CPOR/RJ, onde uma guarda de honra, composta por ex-alunos, sempre está presente nas formaturas solenes e nas cerimônias de declaração de aspirante-a-oficial da Reserva. Trata-se de uma singela homenagem, sempre a renovar-se, de imenso significado para o Corpo de Alunos formado no Pátio.

Diversos outros oficiais da reserva também se destacaram nos quadros da FEB.

- Cel Sérgio Gomes Pereira - O coronel Sérgio presidiu a Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB) e, quando de seu falecimento, aos 29 de setembro de 2007,

era presidente do Conselho Deliberativo, tendo sido sepultado no Mausoléu da FEB, no Cemitério São João Baptista no Rio de Janeiro.

Natural do Rio de Janeiro, RJ era da turma de 1942 do CPOR/RJ, onde realizou também o Curso de Infantaria (Regulamento de 1945), de 1946 a 1949. O então tenente do 11º RI, com apenas 21 anos demonstrou a sua vocação de soldado, confirmada sob o fogo inimigo em inúmeras missões; retornando da guerra faz por opção o COR, chegando ao posto de coronel do Quadro de Estado Maior, tendo sido instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior e da Escola Superior de Guerra, e incansavelmente presidindo a associação, onde tanto contribuiu para o apoio a ex-combatentes e familiares, e para a preservação da memória dos feitos heroicos da FEB

Na FEB foi Comandante do 2º Pelotão da 8ª Companhia do III/11º Regimento de Infantaria, “Regimento Tiradentes”. De dezembro de 1960 a fevereiro de 1962, serviu no III/2º RI (Batalhão Suez), no Oriente Médio. Entre 1969 e 1971, foi



instrutor-chefe do Curso de Infantaria da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Comandou, entre 1973 e 1975, o 14º Regimento de Infantaria (Regimento Guararapes), sediado em Jaboatão-PE, quando foi promovido ao posto de coronel. Nos anos de 1976-77, exerceu as funções de Chefe do Estado-Maior do 1º Grupamento de Fronteiras, em Santo Ângelo-RS. De 1980 a 1982, foi membro do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra. Passou para a reserva em 1982. O estande de tiro do CPOR/RJ leva seu nome.

- Maj Joaquim Thiago da Fonseca - O então aspirante Joaquim Thiago da Fonseca formado no CPOR/SP substituiu o heroico aspirante Mega, que, ao ser ferido na conquista de Fornovo, pronunciou a célebre frase: “Minha vida nada vale, minha morte nada significa, diante do que vocês ainda têm a fazer, prossigam na luta”. O major Thiago era, ao falecer, 1º Vice-Presidente da ANVFEB. Em sua honra foi criada pela Associação a Medalha Major Thiago.

- Ten Israel Rosenthal – O Dr. Israel Rosenthal formou-se pelo CPOR/RJ em 1942 Infantaria, mas, como dentista recém-formado, foi requisitado para o Serviço de Saúde da FEB. Rosenthal comentou sobre sua experiência na Itália

[...] fui para Livorno e chegar lá foi um pesadelo. O mar revoltado, ninguém ficou de pé. Assumi logo o serviço junto a um hospital de campanha em Staffoli. Acredito ter feito mais de cinco mil cirurgias. Não tínhamos energia elétrica nem água. Lembro que daquela localidade vinha um médico italiano que me pedia o anestésico porque ele não tinha mais [...]

A 19 de dezembro de 1944, o aspirante-a-oficial R/2 Israel foi convocado para o serviço ativo, apresentando-se no Centro de Re-completamento de Pessoal (CRP/FEB), tendo sido classificado no 2º RI e designado subalterno da Companhia de Metralhadoras do III Batalhão. No dia 8 de fevereiro de 1945 embarcou no transporte de tropas americano *USS General Meighs*, com destino ao Teatro de Operações da Itália. Sendo dentista





formado, foi requisitado para trabalhar no Serviço de Saúde. Atualmente preside o Conselho Deliberativo da ANVFEB.

- Ten Cel Mário Vanuttelli – O coronel Vanuteli serviu no II Grupo, que disparou o primeiro tiro da Artilharia brasileira na Itália. Seu nome foi consagrado em um obuseiro 105 mm da Bateria do CPOR/RJ. Residia em Brasília e, anualmente, viajava ao Rio para a solenidade do 1º Tiro da Artilharia Brasileira na Itália, que se realiza no 21º GAC, Grupo Monte Bastione, transmitindo novamente os históricos comandos de tiros para a peça original. Faleceu aos 5 de abril de 2017.

- Ten Marcos Galper - O então tenente Galper foi observador avançado da artilharia. Retornou da Itália comandando a pequena guarnição embarcada no navio que trouxe para o Brasil o material capturado dos nazistas, inclusive canhões e demais armamentos. Um obuseiro 105 mm do Curso de Artilharia do CPOR/RJ leva também o seu nome.

O CPOR/RJ homenageou 4 de seus ex-alunos do Curso de Artilha-

ria inscrevendo seus nomes nas peças de 105 mm da Bateria do Curso: Ten Marcos Galper, Ten Antonio Vanuttelli, Ten Mario Vanuttelli e Ten Alfredo Nicolau.

Para avaliar a importância da participação do Oficial R/2 na FEB, nada melhor que conhecer a opinião do seu chefe máximo, o general João Baptista Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB. Em relatório secreto por ele elaborado, temos às págs. 388 a 390, no Capítulo 6 – Apreciação Sobre o Oficial da Reserva, um importante relato que passaremos a transcrever, dada a sua relevância para a compreensão do papel do Oficial da Reserva na Campanha da Itália, o melhor depoimento possível, da fonte mais abalizada, o próprio Comandante.

Cabe aqui um agradecimento a pessoa do ilustre Confrade da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – AHIMTB, coronel de Artilharia R/1 Roberto Mascarenhas de Moraes, detentor do acervo pessoal do seu avô, o marechal Mascarenhas, e que gentilmente nos forneceu cópia das referidas páginas do citado Relatório, precioso



documento extraído do original cujas páginas todas contem a rubrica do marechal. Vale ressaltar que o coronel Mascarenhas, entre outras importantes comissões, foi em 1970 o último Comandante da 1ª Bateria de Canhões 305mm do Forte Copacabana, e comandou também um NPOR no Sul do país.

Assim se manifestou o comandante da FEB em seu relatório:

#### Apreciação Sobre o Oficial da Reserva

As necessidades de estado de guerra obrigaram, pelo desdobramento do Exército, a convocação de grande número de Oficiais da Reserva de 2ª Classe, na sua quase totalidade dos postos de 1º e 2º tenentes.

Os Oficiais da Reserva de 2ª Classe (R/2), oriundos do meio civil, com uma formação militar em geral insuficiente devido aos seus afazeres privados, seguiram para além-mar sob cuidadosa atenção de seus chefes imediatos, a fim de ajudá-los a vencer a longa fase de adaptação.

Possuindo, em geral, sólida base intelectual, aprenderam com facilidade os novos conhecimentos, e souberam explorar ao máximo tudo quanto a experiência lhes ditava. No Teatro de Operações foram enviados, por turmas, a cursarem a “*Leadership and Battle School*” (para os

de Infantaria e Cavalaria), a “*Bridge School*” (para os de Engenharia), e a “*Mines School*” (para os especialistas de todas as Armas), onde num curso rápido, de um mês, curso eminentemente prático, dava-se ao oficial subalterno um revisão do comando em combate da fração que lhe competia, conhecimento perfeitamente atualizado de acordo com os conhecimentos adquiridos na guerra e, particularmente, no Teatro de Operações.

De posse desse novo cabedal de conhecimentos, foram os oficiais da reserva excelentes comandantes de suas frações, cumprindo cabalmente suas obrigações, com êxito e capacidade profissional.

Na tropa, especialmente no comando de pelotão, os oficiais da reserva foram excelentes chefes, bravos e decididos, tendo conquistado muitas condecorações por bravura diante do inimigo, inclusive a única “*Distinguished Service Cross*”, norte-americana, com que foi galaradoado um oficial brasileiro<sup>3</sup>.

Em determinadas funções ligadas ao Estado-Maior, tiveram ação brilhante pela capacidade intelectual, cooperando apreciavelmente com os oficiais da ativa. Alguns, pelos conhecimentos ou habilidades particulares que possuíam, como desenhistas hábeis, conhecedores seguros da língua inglesa e italiana, ou experimentados em certos ramos da



vida civil, cooperaram com excelentes resultados em determinadas funções para as quais estavam particularmente indicados.

O Oficial da Reserva veio, na guerra, completar o da ativa. Este possuindo um enquadramento melhor, com conhecimentos militares mais sólidos, inclusive na sua parte administrativa, e sabendo mais tratar seus homens. Aquele possuindo diferentes valores intelectuais, capacidades particulares, conhecimentos diversos e habituado a outros métodos e hábitos de trabalho. Na luta comum, deram, um ao outro, aquilo que lhe era mais familiar; entenderam-se completamente, de tal maneira, que não se fazia distinção entre ambos, e provaram a importância que se deve dar ao recrutamento dos quadros de oficiais da reserva.

Quanto maior base intelectual tiver o oficial da reserva, mais fácil e completamente poderá satisfazer suas funções. E que instrução significa educação; e educação importa em preparo moral, já que habitua o homem a refrear seus desejos e instintos, e a enfrentar todas as situações com calma e domínio de si mesmo.

Desta maneira, fazendo esta ligeira apreciação, é importante, além de destacar o valor do meio de onde é recrutado o Oficial da Reserva, para que os melhores resultados sejam obtidos, dizer que seu trabalho foi

magnífico, honrando o Exército Brasileiro e, mais que isso, afirmando o valor de nossa gente.<sup>4</sup>

## NA SOCIEDADE

Ao longo de 90 anos passaram pelos bancos escolares dos órgãos de formação de oficiais da Reserva jovens que mais tarde viriam a ser personalidades de destaque no cenário nacional. Em maio de 2008 o general-de-exército Paulo César de Castro, então chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa, aprovou um projeto no âmbito do Programa de História Oral do Exército que visava entrevistar cerca de 150 destes ex-alunos para publicar uma coletânea de seus depoimentos, em 4 ou 5 volumes, através da Biblioteca do Exército Editora, já tendo sido lançado o primeiro volume da série.

Apenas para citar alguns, temos como exemplos:

a) Advogado

- Américo Chaves, ex-presidente da ADESG 2005-2006.



b) Ciência, cultura e magistério

- Antonio Renato Aragão, humorista (CPOR/Fortaleza - 1955);

- Jayme Tiomno, físico teórico, descobriu o Meson-K, fundador do CBPF;

- Murillo Melo Filho, acadêmico da Academia Brasileira de Letras;

- Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro;

- Celso Lafer, acadêmico da Academia Brasileira de Letras e ex-Ministro das Relações Exteriores;

- Alexandre Garcia, jornalista;

- Professor Rangel, reitor da Universidade Católica de Petrópolis; e

- Isaac Kerstenetzky, ex-presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

c) Empresários

- Rudolf Hohn, ex-presidente da IBM;

- Israel Klabin, diretor Indústrias Klabin, ex-presidente do Banco do Estado do Rio de Janeiro e ex-prefeito do Rio de Janeiro;

- Sérgio Franklin Quintela, ex-diretor da Montreal Engenharia;

- Jayme Magrassi de Sá, conselheiro da ESG e ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento econômico e Social;

- Paulo Antônio Skaf, presidente da Federação das Indústrias de São Paulo;

- Manoel Pio Corrêa, embaixador, ex-presidente da Siemens;

- Jorge Gerdau Johannpeter, presidente do Grupo Gerdau;

- David Feffer, presidente da holding Companhia Suzano Papel e Celulose.

d) Médicos

- Ivo Pitanguy, cirurgião plástico;

- Jacob Kligerman, Secretário de Saúde do Rio de Janeiro e ex-presidente do Instituto Nacional do Câncer;

- Pedro Valente, cirurgião plástico e ex-Secretário de Saúde do Rio de Janeiro; e

- José Kogut, cirurgião plástico.



e) Militares

- Herman Rubens Walenkamp, major-brigadeiro engenheiro R/1, 15º Diretor de Engenharia da Aeronáutica;

- Israel Batista Ferreira, major-brigadeiro engenheiro, 16º. Diretor de Engenharia da Aeronáutica;

- João Paulo Boia, brigadeiro engenheiro, subdiretor de estudos e projetos da Diretoria de Engenharia da Aeronáutica;

- General-de-brigada engenheiro militar Marconi, assessor do Departamento de Ciência e Tecnologia do Exército;

- Sergio Donatto, general-de-divisão, comandante da 10ª Região Militar;

- José Alberto da Costa Abreu, general-de-brigada, comandante da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (NPOR/3º BI Infantaria - 1972)

f) Políticos

- Itamar Franco, ex-Presidente da República;

- Orestes Quércia, ex-Governador de São Paulo;

- Jamil Haddad, ex-Ministro da Saúde e ex-Prefeito do Rio de Janeiro;

- Marcelo Crivella, Senador e Prefeito do Rio de Janeiro;

- Romeu Tuma, Senador e ex-Diretor do Departamento de Polícia Federal;

- Roberto Requião, Senador e ex-Governador do Paraná;

- Antônio Lomanto Júnior, ex-Governador da Bahia;

- Paulo Brossard, ex-Ministro da Justiça;

- Paulo Renato Souza, ex-Ministro de Educação;

- Wilson Santos, Prefeito de Cuiabá;

- Miguel Colassuono, ex-Prefeito de São Paulo;

- Roberto Magalhães, Deputado Federal;

- Newton Cardoso, ex-Governador de Minas Gerais;

- Ruy Laje, ex-Prefeito de Belo Horizonte;

- Maurício Schulman, ex-ministro e presidente Banco Nacional da Habitação; e

- Sami Jorge, vereador do Rio de Janeiro.



## COMANDANTES E INSTRUTORES

Analogamente ao ocorrido com os alunos, ao longo de 90 anos comandantes e instrutores dos CPORs atingiram posições de destaque, seja na Força Terrestre, seja na sociedade civil, como foi o caso de alguns que citamos a título exemplificativo:

- General-de-exército Adalberto Pereira dos Santos, comandante do CPOR/RJ em 1957, ex-Vice-Presidente da República;

- General-de-exército Zenildo Gonzaga de Lucena, ex-Ministro do Exército, instrutor do Curso de Cavalaria do CPOR/RJ em 1956;

- General-de-exército Gleuber Vieira, ex-Ministro e Comandante do Exército, como capitão foi instrutor do Curso de Artilharia do CPOR/RJ em 1963-1964;

- General-de-exército Edson Alves Mey, ex-Ministro do Superior Tribunal Militar, instrutor do Curso de Cavalaria do CPOR/RJ em 1956;

- General-de-divisão Agenor Francisco Homem de Carvalho, ex-

chefe do Gabinete Militar da Presidência da República;

- General Erasto Pires Sayão, veterano da FEB, comandou o CPOR/RJ em 1964;

- Major R/2 José Sabino Maciel Monteiro, veterano da FEB, instrutor-chefe do Curso de Cavalaria do CPOR/RJ em 1963/65; foi ajudante-de-ordens do general Mascarenhas de Moraes durante a Campanha da Itália.

## ASSOCIAÇÕES

Após deixarem o serviço ativo os ex-alunos dos órgãos de formação de oficiais da Reserva têm a possibilidade de manterem vínculos com associações em todo Brasil, a saber:

### a) Conselho Nacional de Oficiais R/2 do Brasil – CNOR

O CNOR foi fundado em 22 de abril de 1997 com sede no quartel do CPOR/RJ, congregando as Associações de ex-Alunos dos órgãos de Formação da Reserva. Representa os associados atuando em todas as



instâncias judiciais, administrativas e sociais, na defesa das prerrogativas, direitos e interesses da oficialidade R/2. Seu Presidente é o tenente de Artilharia R/2 Sérgio Pinto Monteiro. Congrega 19 entidades nos estados, sendo que mais cinco estão em vias de filiação. Estão cadastrados cerca de 9 mil ex-alunos, representando cerca de 10% da massa total, estimada em 90 mil.

O CNOR realiza anualmente o Encontro Nacional de Oficiais R/2 (ENOREX), sendo que o último realizou-se em Brasília em novembro de 2016.

b) Associação dos ex-alunos do CPOR/RJ

No Rio de Janeiro alunos de Artilharia da Turma General Sampaio de 1961 constituíram a Associação dos ex-alunos do CPOR/RJ, fundada em 13 de abril de 1992. A entidade, a exemplo de associações congêneres existentes em outros Estados, tem por objetivos incentivar e promover o conagraçamento entre os Oficiais R/2 e manter, preservar e divulgar o espírito cívico de amor à Pátria, ao mesmo tempo em que

busca a união constante e a mútua colaboração entre o meio civil e o Exército, parcelas inseparáveis da sociedade brasileira.

## **RESERVA ATENTA E FORTE**

Existem, atualmente, dois quadros de Oficiais Temporários:

a) Combatentes/apoio ao combate

São formados ao longo de um ano letivo em meio expediente. Nas primeiras semanas realiza-se o Período Básico de Instrução, quando o aluno é adaptado à vida militar. No Período de Formação e Aplicação é ministrada a instrução específica de cada Arma, Quadro ou Serviço. Os melhores classificados são convocados para realizar o Estágio de Preparação de Oficiais Temporários, o EIPOT.

b) Oficiais Técnicos Temporários

São selecionados entre os profissionais de nível superior das áreas de interesse do Exército, como Saúde, Engenharias, Letras, Direito,



informática, Administração, Assistência Religiosa (Católica e Evangélica), dentre outras. A formação militar tem a duração de 45 dias e pode ser realizada em qualquer OM do Exército. Os profissionais das Ciências da Saúde realizam o Estágio de Adaptação e Serviço (EAS), os demais realizam o Estágio de Serviço Técnico (EST). O candidato ao Serviço Técnico Temporário deve ter menos de 38 anos, e a inscrição se efetiva nas Regiões Militares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece-nos existir amplo espaço de discussão sobre o formato em vigor, acima descrito. Talvez a visão de outros países, totalmente diversa, pudesse servir de subsídio. O fato é que basta ler os jornais para aquilatar as ameaças reais e potenciais que pesam no horizonte.

Fica a indagação: haverá oficiais em número suficiente e com treinamento adequado? Consta que aos chamados temporários não existe acesso aos cursos de guerra na selva

e paraquedismo, entre outros, fundamentais nas hipóteses de emprego da Força Terrestre hoje consideradas. Além disso, muito poucos aspirantes-a-oficial são convocados para estágio na tropa.

Queremos crer que seria altamente desejável uma reavaliação, já que o mundo de hoje é completamente diferente. Novas hipóteses de emprego surgiram, evoluiu a natureza da guerra, ampla diversidade de fatores veio a impactar fortemente as diferentes expressões do Poder Nacional.

A contribuição para a FEB e o exemplo legado pelo major Apollo e tantos outros heróis deixa clara a importância dos Oficiais R/2 em um eventual conflito futuro, totalmente indesejado, mas independente da vontade nacional.

O foco deste trabalho esteve voltado para uma plêiade de jovens estudantes do Brasil, que um dia partiram bem cedo de suas casas, com a bênção dos pais, para se incorporarem às fileiras do Exército Brasileiro em um quartel do CPOR ou NPOR, ao longo das 9 últimas décadas.





Ali começaram uma jornada que iria marcar as suas vidas, o exemplo e a dedicação dos comandantes e instrutores logo os fazendo assumir a postura de soldados que seriam pelos próximos anos, integrando a reserva atenta e forte. A mensagem diligentemente transmitida perdurou para sempre, transformando aqueles jovens alunos em cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, graças ao patriotismo, disciplina, atitudes individuais, métodos, respeito e companheirismo trazido da caserna.

Ao longo das décadas, jamais olvidaram um dia ter envergado a honrosa farda verde-oliva, o que lhes impunha a obrigação de serem dignos dela. Enquanto tiverem alento, certamente continuarão defendendo com todas as suas forças o

Pavilhão Nacional, contra quaisquer inimigos que o pretendam arriar.

## BIBLIOGRAFIA

MONTEIRO, Sérgio; FRIZANCO, Orlando. *O resgate do tenente Apollo*. Rio de Janeiro: Edições CNOR, 2008.

MERGULHÃO, Luiz Eugenio Bezerra. *Major Apollo: o herói esquecido*. Rio de Janeiro: Clube dos Autores, 2014.

RELATÓRIO do general João Baptista Mascarenhas de Moraes sobre a FEB. Cap.6 - Apreciação Sobre o Oficial da Reserva.

---

<sup>1</sup> A Portaria nº 429, de 18 de julho de 2006, do Comandante do Exército, Gen Ex Francisco Roberto de Albuquerque, fixou o 4 de novembro como Dia do Oficial da Reserva (R/2)

<sup>2</sup> MONTEIRO, Sérgio P.; FRIZANCO, Orlando. *O Resgate do Tenente Apollo*. Rio de Janeiro: Edições CNOR, 2008.

<sup>3</sup> Tenente Apollo Miguel Rezk.

<sup>4</sup> RELATÓRIO do general João Baptista Mascarenhas de Moraes, Cap.6 - Apreciação Sobre o Oficial da Reserva. Acervo do Cel R/1 Roberto Mascarenhas de Moraes.